



FACULTADE DE FILOLOXIA
GRAU EN LINGUAS MODERNAS- PORTUGUÉS

Gramática portuguesa 2- Fonología e Morfología

Julio Dieguez Gonzalez

GUÍA DOCENTE E MATERIAL DIDÁTICO

2017/2018

I. DADOS DA MATÉRIA

NOME: Gramática portuguesa 2 (Fonologia e morfologia) (código G5081442)

TIPO: Matéria obrigatória da titulação de Grau em Línguas e Literaturas Modernas – Português (4º ano, primeiro semestre)

CRÉDITOS ECTS: 6

DURAÇÃO: Primeiro semestre, entre 6/09/ 2012 e 21/12/ 2012, com os seguinte horário (Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, 11-12 h., sala 18).

DESCRITOR: “Estudio de la fonología y de la morfología de la lengua portuguesa según los diversas perspectivas teóricas, atendiendo fundamentalmente a las modalidades portuguesa y brasileña de la misma.” (BPCMFT de 23/02/81-1).

http://www.usc.es/export/sites/default/gl/servizos/sxopra/descargas/Memoria_Grao_Lenguas_Literaturas_Modernas.pdf

II. DADOS DO PROFESSOR

COORDENADOR:

NOME: **Julio Dieguez Gonzalez**

DEPARTAMENTO: Filoxía Gª (Área: Filologia Galega e Portuguesa)

GABINETE: 321

HORÁRIO DE ATENDIMENTO: Pendente de Resolução

LÍNGUAS: Português

III. OBJETIVOS

Adquirir um domínio suficiente sobre as diferentes teorias fonológicas e a sua aplicação ao estudo da fonologia do português.

Analisar o sistema fonológico do português a todos os níveis, focalizando, sobretudo os problemas clássicos com maior desenvolvimento na linguística do português: a nasalidade vocálica, o problema dos róticos, os núcleos silábicos vazios, etc.

Descrever o sistema do português nos níveis fonológico e morfológico: matriz dos segmentos, regras fonológicas, sistemas acentuais, prosódia, entoação, silabação, etc. Morfologia flexional e morfologia derivacional.

Tal como está estabelecido na memória do grau de línguas modernas (página 149) a matéria articula-se com este propósito:

Estudio de la fonología y de la morfología de la lengua portuguesa según los diversas perspectivas teóricas, atendiendo fundamentalmente a las modalidades portuguesa y brasileña de la misma. (sic):

http://www.usc.es/export/sites/default/gl/servizos/sxopra/descargas/Memoria_Grao_Lenguas_Literaturas_Modernas.pdf

IV. COMPETÊNCIAS

-Capacidade de transcrever foneticamente qualquer tipo de realização oral da língua portuguesa.

- Realizar de forma correta a análise fonológica (transcrição) dos discursos orais produzidos nas diversas variantes do português, nomeadamente dos que se inserem no âmbito das duas grandes normas padrão: a europeia e a brasileira (contemplando a variação interna de ambas).

- Conhecimento razoável da estrutura da língua portuguesa no nível fonológico.

- Conhecimento dos parâmetros teóricos sobre os problemas clássicos da morfologia do português: as diversas conceções da gramática e suas partes constituintes, as unidades da morfología, as classes de palabras, etc.

-Conhecimento do nível morfológico do português: flexão, derivação, composição e outros procedimentos de formação de palavras; a morfologia nominal: categorias; a morfologia pronominal: formas e estruturas; a morfologia verbal: segmentação do vocábulo verbal e estudo das principais categorias.

V. CONTEÚDOS

A) Teoria

1. Fonologia estrutural e generativa. Traços distintivos e segmentos fonológicos (fonemas)

2. Fonologia generativa linear. Formulação de regras fonológicas lineares.
3. Geometria de traços. Regras fonológicas em geometria de traços.
4. Neutralização de oposições fonológicas (subespecificação). Análise fonológica da nasalidade vocálica e consonântica. Análise fonológica das consoantes vibrantes ou róticas.
5. Processos lexicais e pós lexicais. O processo do vocalismo átono. Análise fonológica de processos lexicais.
6. A Prosódia. A sílaba. O acento de palavra. A palavra prosódica e o sintagma entoacional
7. O lugar da morfologia na gramática. Estruturas morfológicas e formação de palavras.
8. Constituintes morfológicos.
9. Estruturas de sufixação.
10. Modificação morfológica.
11. Estruturas de composição.

B) Prática: A exposição teórica desenvolver-se-á paralelamente aos exercícios (apresentações orais na sala de aula e exercícios práticos complementares) baseados na realização normal das variedades orais do Português Europeu (continental e insular), do Português do Brasil e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

* Na avaliação consideram-se preferentes ao nível da competência fonético-fonológica os seguintes aspetos:

- Realização das sibilantes sonoras e distinção das surdas correspondentes
- Realização das vogais tónicas orais /e/, /ɐ/, /o/ e de todas as nasais do português
- Realização dos ditongos nasais
- Realização fonética dos segmentos róticos
- Realização das codas silábicas

C) Atividades dirigidas não presenciais: os critérios serão indicados no decorrer das aulas.

VI. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Andrade, Ernesto d' (1994), *Temas de Fonologia*, Ed. Colibri, Lisboa.

Aronoff, M. (1976), *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge MA: The MIT Press.

Aronoff, M. (1994), *Morphology by Itself. Stems and Inflectional Classes*. Cambridge MA: The MIT Press.

Barbosa, Jorge Morais (1983), *Études de Phonologie Portugaise*. Universidade de Évora. (2ª edição).

Bisol, Leda (Org.), *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS, Porto Alegre 2001 (3ª edição).

Câmara Jr. Joaquim Mattoso, *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Livr. Ed. Padrão, Rio de Janeiro 1977 (2ª edição).

Carballo Amado, Amanda (2016), Os participios duplos do português. *Lusofilia*, nº 4, pp. 67-77.

Martins, Maria Raquel Delgado (1988), *Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*. Ed. Caminho, Lisboa.

Mateus, M. H. Mira (1982), *Aspectos de Fonologia Portuguesa*. INIC, Centro de Linguística da Univ. de Lisboa.

Mateus, Maria Helena Mira, “A investigação em fonologia do português”, *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Aveiro 1998), vol. II, pp. 183-196.

Mateus, Maria Helena Mira, Maria Amália Andrade, Maria do Céu Viana e Alina Villalva (1990), *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa.

Mateus, Maria Helena Mira e Ernesto d’Andrade (2000), *The Phonology of Portuguese*, Oxford University Press, Oxford/Nova Iorque.

Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (e Sónia Frota, Marina Vigário, Fátima Oliveira e Alina Villalva) (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Ed. Caminho, Lisboa [cap. 25 (Fonologia)].

Mateus, Maria Helena; Falé, Isabel e Maria João Freitas (2005), *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

Mota, Maria Antónia (2016), Morfologia nas interfaces. In: Martins, Ana Maria e Ernestina Carrilho, *Manual de linguística portuguesa*. De Gruyter Mouton. Ort: Berlin, Boston; Publikationsdatum, pp. 156-177.

Pereira, Isabel, Ana Isabel Mata e Maria João Freitas (1992), *Estudos em Prosódia*, Ed. Colibri, Lisboa.

Raposo, Eduardo Paiva (1979), *Introdução à gramática generativa. Sintaxe do português*. Moraes editores, Lisboa.

Rio-Rorto, Graça (1998), *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Conteúdos e metodologia, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa.

Rio-Rorto, Graça (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto Editora, Porto 1998.

Santás Nóvoa, Luz Marina (2017), A flutuação entre acusativo e dativo dos clíticos complemento de verbos psicológicos. *Lusofilia*, nº 5, pp. 5-37.

Schwindt, Luiz Carlos e W. Leo Wetzels (2016), The Morphology and Phonology of Inflection. Wetzels, W. Leo, João Costa e Sergio Menuzzi (editores), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Hoboken (New Jersey): Wiley-Blackwell, pp. 188-209.

Spencer, et al. (1998), *The Handbook of Morphology*. Blackwell.

Veloso, João (2016), O sistema vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas. In: Martins, Ana Maria e Ernestina Carrilho, *Manual de linguística portuguesa*. De Gruyter Mouton. Ort: Berlin, Boston; Publikationsdatum, pp. 636-662.

Vázquez Abuín, Marta (2019), A flexão de número dos substantivos e adjetivos. *Lusofilia*, 9, pp. 43-58.

Villalva, Alina (2008), *Morfologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa.

Villalva, Alina e Carlos Alexandre Gonçalves (2016), Phonology and Morphology of Word formation. Wetzels, W. Leo, João Costa e Sergio Menuzzi (editores), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Hoboken (New Jersey): Wiley-Blackwell, pp. 167-187.

A bibliografia específica sobre cada tema será fornecida na aula na altura em que tenha lugar do desenvolvimento teórico-prático de cada um deles.

VII. METODOLOGIA DO ENSINO

A parte teórica de cada tema desenvolver-se-á através de exposições teóricas em que se fará uma síntese dos conteúdos teóricos indispensáveis. O aluno deverá completar esse caudal de informação através de obras de referência que lhe serão facilitadas, preferentemente, através de materiais disponíveis na internet.

A matéria será ministrada exigindo uma participação e um protagonismo intenso dos alunos; a participação constante na dinâmica das aulas é uma exigência imperativa; as aulas dedicar-se-ão ao desenvolvimento dos conteúdos teóricos da matéria e à resolução de exercícios práticos com o auxílio dos primeiros.

Para os falantes de variedades próximas e aparentadas com o português, especialmente as que carecem de norma *standard* oral, a aquisição da norma oral do português é uma exigência incontornável, tornando-se necessário, por uma parte, interiorizar as oposições fonológicas que não possuem (entre /a/ e /æ/, entre /ʃ/ e /z/, /s/ e /z/, etc.) e, por outra, reformular as que possuem mas estão desativadas em certos aspetos essenciais que funcionam nas variedades padrão da língua portuguesa: diferenças típicas como a que distingue entre “forma” [ɔ] e “forma” [o], o processo lexical do vocalismo átono, as alternâncias vocálicas na flexão de género e número dos substantivos e adjetivos, abaixamento da vocal radical na flexão dos verbos, etc. Um bom número de unidades lexicais têm de ser reaprendidas: “agora” [ɔ], “sol” [ɔ], “arroz” [o], etc.

VIII. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

A nota final será a média de nove notas:

--três de provas escritas sobre os três textos de leitura obrigatória.

--três de exposições orais sobre os mesmos textos de leitura obrigatória.

--três de conteúdos teóricos da matéria e sua aplicação prática.

Não se faz média nos casos em que a qualificação é inferior a 4. Nesse caso a nota mais baixa será a nota final.

Para a aprovação exige-se alcançar uma média que represente 55% do total da qualificação máxima absoluta.

A língua da avaliação será obrigatória e exclusivamente o português.

A assitência às aulas será registada e tida em conta para os devidos efeitos, em aplicação da “Normativa de asistencia a clase” aprovada no “Consello de Goberno” da USC do 25 de Março de 2010, além da normativa específica que a Faculdade de Filoloxía estabeleça a este respeito.

Na segunda oportunidade a avaliação será feita con critérios idénticos aos da primeira, salvo que a assistência e participação nas aulas será substituída por traballo dirixido non presencial que consistirá en actividades de recuperación.

A realización das actividades non presenciais é condición inescusável para poder realizar a prova final.

Na prova final a pessoa pode realizar ou repetir qualquer das partes da avaliação ou a totalidade das mesmas.

Para o alunado a quem se reconheça o dereito de non asistir às aulas realizar-se-á una prova final que incluíra as diferentes partes da matéria. Na parte correspondente às obras de lectura realizar-se-á una gravación para avaliar o grao de corrección no uso oral da língua portuguesa.

IX. DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO

A matéria consta de 6 créditos, equivalentes, segundo o sistema ECTS, a 150 horas de trabalho do aluno (25 horas por cada crédito).

Sessões expositivas 30

Estudo e preparação de atividades programadas na aula: 35

Sessões de seminário / laboratório de idiomas / aula de informática.: 15

Realização de trabalhos de diversos tipos: 35

Sessões de atendimento programado: 2

Leituras: 20

Sessões de avaliação: 3

Preparação de exames: 10

Outras atividades (sem especificar): 0

Total de horas de atividade Presencial: 50

Total de horas de atividade não Presencial: 100

No seguinte quadro mostra-se a distribuição de horas previstas para cada atividade:

ATIVIDADES	HORAS PRESENCIAIS	HORAS DE TRABALHO AUTÓNOMO	TOTAL
Aulas de teoria	30	35	65
Sessões de seminário	15		15
Aulas práticas	10	45	55
Avaliação	5	10	15
TOTAL	60	90	150

CALENDÁRIO PREVISÍVEL DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS

Chave da tipologia de atividades: AP= aula prática; AT= aula de teoria; ETP= exame teórico-prático; Compt= aula informática. TD =Trabalho dirigido

SETEMBRO 2017	
Horas de aulas de teoria (temas 1 e 2)	1 AT
Horas de aula de prática (tema 1 e 2)	1AP
Horas de aula informática	1 Compt
Tabalho dirigido	10 TD
Exame teórico-prático dos temas 3,4 e 5	2 ETP

OUTUBRO 2017	
Horas de aulas de teoria (temas 3, 4,5 e 6)	4 AT
Horas de aula de prática (temas 3, 4, 5 e 6)	3 AP
Horas de aula informática	6 Compt
Tabalho dirigido (trascrição)	10 TD
Exame teórico-prático (temas 1-6)	3 ETP

NOVEMBRO 2017	
Horas de aulas de teoria (temas 7, 8, 9)	5 AT
Horas de aula de prática (temas 7, 8, 9)	5 AP
Horas de aula informática	2 Compt
Tabalho dirigido	10 TD

DEZEMBRO 2017	
Horas de aulas de teoria (temas 10, 11)	4 AT
Horas de aula de prática (temas 10, 11)	4 AP
Horas de aula informática	1 Compt

3. Traços distintivos das consoantes

Os traços distintivos necessários para cada língua são um subconjunto de uma classe universal de traços. Em português europeu, são necessários os traços indicados e definidos a seguir, que estão seguidos das respetivas abreviaturas¹:

Consonântico ([cons]): [+consonântico] indica a existência de uma obstrução à passagem do ar, no trato vocal (p.ex. [p] é [+consonântico]).

Soante ([soan]): [+soante] indica a existência de uma vibração espontânea das cordas vocais, i.e., uma passagem livre do ar (p.ex. [l] é [+soante]).

Vozeado (ou Sonoro) ([voz]): [+vozeado] indica uma vibração das cordas vocais que pode ser espontânea, o que sucede com todos os sons [+soantes], ou pode ser voluntária, na produção dos sons que são [—soantes] e [+vozeados] (p.ex. [b] é [—soante] e [+vozeado]).

Anterior ([ant]): [+anterior] indica que o corpo da língua se move horizontalmente, posicionando-se na parte frontal da boca (p.ex. [s] é [+anterior]).

Recuado ([rec]): [+recuado] indica que o corpo da língua se move horizontalmente, posicionando-se na parte posterior da boca (p.ex. [k] e [u] são [+recuados]).

Coronal ([cor]): [+coronal] indica que a coroa da língua se eleva, quer produzindo uma obstrução (p.ex. [d] ou [t]) ou simplesmente restringindo a passagem do ar (p.ex. [s] ou [f]).

Alto ([alt]): [+alto] indica que o corpo da língua se eleva na parte dianteira ou posterior da boca (p.ex. [u] e [f] são [+altos]).

Baixo ([bx]): [+baixo] indica que o corpo da língua se abaixa na parte dianteira ou posterior da boca (p.ex. [a] é [+baixo]).

Arredondado ([arr]): [+arredondado] indica que os lábios se projetam e se arredondam (p.ex. [o] é [+arredondado]).

Nasal ([nas]): [+nasal] indica que o ar sai simultaneamente pela boca e pelas fossas nasais (p.ex. [n] é [+nasal]).

Lateral ([lati]): [+lateral] indica que o som sai pelos lados da língua (p.ex. [l] é [+lateral]).

Contínuo ([cont]): [+contínuo] indica que o ar sai sem oclusão no trato vocal (p.ex. [s] ou [a] são [+contínuos]).

Nos traços indicados acima não está incluído o traço [silábico] com que por vezes se distinguem as vogais ([+silábicas]) das glides ([—silábicas]), visto que, não existindo glides

¹ Na identificação dos segmentos, os traços devem ser colocados dentro de parênteses rectos, quer estejam ou não representados por abreviatura (p.ex. [coronal] ou [cor], [nasal] ou [nas] etc.).

no nível fonológico do português, a distinção entre glides e vogais no nível fonético se pode fazer a partir do seu comportamento em relação ao acento e à sua posição na sílaba.

Os dois grandes grupos formados pelas vogais (V) e pelas consoantes (C) distinguem-se pelo traço [consonântico]: V [—consonântico] e C [+consonântico].

Os traços [silábico] e [consonântico] formam um grupo particular, o dos *traços distintivos intrínsecos*. Para entender a sua definição é preciso ter em conta um breve percurso histórico.

Proposta de 1952 (revista em 1963), de Jakobson, Fant e Halle sobre os traços distintivos intrínsecos: consideram somente dois, [±vocálico] [±consonântico]

Estes dois pares de traços distintivos intrínsecos dividem o inventário fonemático de uma língua em duas, três ou quatro classes. As seguintes:

Vogal	Consoante	Líquida ²	Ligadura ("glides")
+voc	-voc	+voc	-voc
-cons	+cons	+cons	-cons

Na proposta de 1963 as glides e as líquidas eram definidas como classes diametralmente opostas, mas as glides, as líquidas e as consoantes nasais apresentam muitas características comuns atendo-nos à realidade fonética. Por outra parte, a classificação das glides como não vocálicas não parece condizente com os factos fonéticos. Na base da nova classificação (Chomsky e Halle [1968]) estão três traços:

- +/- soante
- +/- silábico
- +/- consonântico

Obstruintes	Soantes		
Consoantes		Glides	Vogais
	Nasais e líquidas		

São soantes as vogais, as glides, as nasais e as líquidas, e não soantes todos os outros segmentos.

Os sons silábicos são os que funcionam como núcleos de sílaba, e auditivamente são mais proeminentes. As vogais são silábicas. Algumas línguas apresentam também laterais, vibrantes e nasais silábicas.

Os sons consonânticos são produzidos com uma constrição importante ao longo da linha central do trato vocal. As vogais e as glides são não-consonânticas.

² As líquidas são consoantes que podem ser articuladas sem apoio vocálico, e em algumas línguas podem ser núcleo silábico; são as laterais e as vibrantes: /l, λ, r, R, r/.

Matriz fonológica é a classificação em termos binários de cada um dos segmentos do nível subjacente de uma língua determinada.

O traço [silábico] é exclusivo das vogais, que são os únicos elementos que podem ser núcleos de sílaba em português. As semivogais são [-sil], [-cons] e [+soan].

O traço [soante] tem a ver com a passagem do ar no trato vocal: com vozeamento espontâneo são [+soante]; sem vozeamento espontâneo são os que têm o traço [+consonântico].

Os sons soantes são produzidos sem obstruções significativas à passagem do ar pelo trato vocal, o que torna possível o "vozeamento espontâneo", enquanto nos sons não soantes o vozeamento é inibido. São soantes as *vogais, as glides, as nasais e as líquidas*, e não soantes todos os outros segmentos. Os sons [+consonântico] são produzidos com obstrução do trato vocálico, numa região média, enquanto os [-consonântico] são produzidos sem obstrução nessa região. São ao mesmo tempo [+soante] e [+consonântico] m, n, ɲ, r, λ, l.

Na fonologia do espanhol os autores não utilizam o termo “soante”, e empregam, no seu lugar, “aproximante” ou “resonante”:

[±soante <aproximante>] Este traço não é um dos tradicionais. Foi introduzido por Clements em 1990. Um som soante tem uma articulação em que um articulador se aproxima de outro, mas sem que el trato vocal se tenha comprimido a tal ponto que produza uma corrente de ar turbulenta. Os sons [+soante] são as vogais, as soantes centrais (como j e w), e as líquidas (as soantes laterais e róticas, e também pretensamente as vibrantes).

O termo que designa o conceito contrário ou inverso é “obstruinte”:

[±obstruinte] Os sons [+obst] são produzidos “numa configuração da cavidade [oral] que faz impossível a sonorização espontânea” (Chomsky & Halle 1979); “os sons obstruintes produzem-se com uma constrição do trato vocálico, suficiente para incrementar a pressão do ar dentro da boca significativamente com relação ao ar ambiente” (Halle & Clements 1991). Este traço é de muita importância para distinguir os sons obstruintes dos sons soantes (“resonantes”, em espanhol), duas classes naturais básicas.

1.4. Traços distintivos das vogais

ɐ (fechado: cama)	-alto -baixo +recuado -arredondado
a (aberto: sal)	-alto +baixo +recuado -arredondado
e (aberto: mel)	-alto +baixo -recuado -arredondado
e (fechado: vez)	-alto -baixo -recuado -arredondado
i (missa)	+alto -baixo -recuado -arredondado
ɨ (e ‘reduzido’: feliz, f[ɨ]liz)	+alto -baixo +recuado -arredondado
ɔ (aberto: bota)	-alto +baixo +recuado +arredondado
o (fechado: boca)	-alto -baixo +recuado +arredondado
u (mula)	+alto -baixo +recuado +arredondado

Alto, baixo → depende de se a língua sobe ou desce relativamente à posição neutra.

Recuado: a língua retrocede. Arredondado: os lábios prolongam-se para a frente e arredondam-se

Traços distintivos não redundantes dos segmentos vocálicos

Vogais	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Altura	•	•	•	•	•	•	•
[alto]	+	-				-	+
[baixo]		-	+	+	+	-	
Dorsal	•	•	•	•			
[recuado]	-	-	-	+			
Labial					•	•	•
[arredondado]					+	+	+

No nível fonético do português encontram-se também duas glides, ou semivogais, representadas por [j], [w], que constituem com as vogais que as antecedem ditongos decrescentes. Estas unidades fonéticas têm características idênticas às das vogais [i], [u], mas distinguem-se delas por terem uma pronúncia mais breve, não serem acentuáveis nem poderem constituir núcleo de sílaba. Em português não existem pares mínimos que ponham em paralelo ditongos e sequências de duas vogais (por exemplo, pai [páj] vs. *[pái]), o que indica que a vogal e a glide não contrastam fonologicamente. Esta constatação motivou a consideração, sustentada por alguns autores, de que não existem glides no nível fonológico do português³.

5. Interpretação fonológica dos ditongos

Madonia (1969) assinala que em fonologia não se opera com a noção de ditongo, porque o ditongo é considerado, ou bem (a) uma vogal de abertura variável, ou, alternativamente, (b) uma sequência de dois fonemas. Considerar os ditongos orais e nasais do português como (a) ou como (b) tem de ser decidido segundo o critério da comutação. Aceita os argumentos de Morais Barbosa no sentido de considerar os ditongos como unidades de dois fonemas: /Riw/ opõe-se a /Ria/, portanto a substituição de /w/ por /a/ dá lugar a uma mudança semântica, o que revela que se trata de unidades fonológicas diferentes.

Aceita também a argumentação de Barbosa no sentido de considerar que o /w/ de /maw/ comuta com o /R/ de /maR/, o /L/ de /maL/, o /S/ de /maS/; do mesmo modo, comuta também, na interpretação de Barbosa, o /w/ de /paw/ pau, ou /vaw/ vau, com o /N/ de /paN/ ou /vaN/ (pã, vã). Madonia coloca uma objeção: em palavras como *lãs*, plural de *lã*, o /N/ só comuta com o /w/, e não pode ser substituído por nenhuma outra consoante portuguesa; isso constata-se em palavras como *lãs*, *fins*, *sons*, *uns*, etc. Na realidade em português há duas

³Na fonologia estrutural tinha prevalecido a posição de Morais BARBOSA (*Études de Phonologie Portugaise*[1965] Universidade de Évora, 1983 (2ª edição)). Considera que as glides são fonemas do português, e não alofones, invocando argumentos como este: pai /páj/, pau /páw/ e par /páR/ permitem verificar, por meio do método da comutação, que /j/ e /w/ opõem-se a /R/, o que demonstraria a sua condição de fonemas independentes. É essa a argumentação de Barbosa ao considerar que o /w/ de /maw/ comuta com o /R/ de /maR/, o /L/ de /maL/, o /S/ de /maS/; do mesmo modo, comuta também, na interpretação deste autor, o /w/ de /paw/ pau, ou /vaw/ vau, com o /N/ de /paN/ ou /vaN/ (Pã, vã).

posições em que /j/, /w/ e /N/ (a nasalidade vocálica) não se comportam como elementos consonânticos: quando são seguidos de /S/ homossilábico e no fim da palavra quando a seguinte começa por vogal (não passam para a sílaba seguinte, ao contrário do que acontece com o /R/ e o /S/):

lã azul
 mau amigo
 vai acima

A solução que propõe Madonia é considerar os ditongos como vogais de abertura variável: [j] e [w] deixam de ser considerados fonemas independentes. Esta consideração que coloca a autora condu-la a rever a questão dos ditongos tomar em consideração a possibilidade de interpretar os ditongos (orais e nasais) do português como unidades fonológicas únicas, e, por outra parte, a rever também a interpretação fonológica da nasalidade vocálica. Madonia propõe a seguinte classificação das vogais portuguesas:

VOGAIS SIMPLES			VOGAIS DE ABERTURA VARIÁVEL		
i		U	iw		uj
e		O	ew		oj
	ɐ			ɐj	
ɛ		ɔ	ɛw		ɔj
	a			aw	aj

As vogais de abertura variável definem-se da maneira seguinte:

- /iw/ vogal de abertura variável anterior, de fechamento 3
- /ew/ vogal de abertura variável anterior, de fechamento 2
- /ɛw/ vogal de abertura variável anterior, de fechamento 1
- /aw/ vogal de abertura variável, segundo elemento velar, central, não fechada
- /aj/ vogal de abertura variável, segundo elemento palatal, central, não fechada
- /ɐj/ vogal de abertura variável, central, fechada
- /ɔj/ vogal de abertura variável, posterior, de fechamento 1
- /oj/ vogal de abertura variável, posterior, de fechamento 2
- /uj/ vogal de abertura variável, posterior, de fechamento 3

Ditongos crescentes

Se em lugar da sequência vogal-glide aparece glide-vogal constitui-se um ditongo crescente, próprio de uma fala coloquial rápida. Na fala pausada a glide é pronunciada como vogal, resultando daí uma sequência de duas vogais e, portanto, a existência de duas sílabas:

viúva [viúvɐ] / [vjuvɐ]
 voar [vuár] / [vwár]

Mateus e Andrade (2000) apresentam o problema nos seguintes termos⁴:

TABLE 2.3

Vowels	i	e	ɛ	a	ɐ	ɔ	o	u	ɨ
Height	•	•	•	•	•	•	•	•	•
[high]	+	-			-		-	+	+
[low]		-	+	+	-	+	-		
Dorsal				•	•				•
[back]				+	+				+
Labial						•	•	•	
[round]						+	+	+	

TABLE 2.4

Glides	j	w
Height	•	•
[high]	+	+
[low]		
Labial		•
[round]		+

Podemos observar que os glides [j] e [w] e as vogais altas [i] e [u] têm a mesma especificação de traços. Semivogais são vogais altas. Quando não estão acentuadas e quando eles são precedidas por outra vogal, estas vogais altas tornam-se semivogais e constituem um ditongo com a vogal anterior. Esta proposta é motivada basicamente pelo facto de que no Português não contrastam vogais e semivogais. Por exemplo, contrastes envolvendo ditongos e hiatos não ocorrem na língua (por exemplo, do tipo de pai [Paj] 'pai' versus * [PaI]); por outro lado, há oposições baseadas em ditongos contra vogais simples como nas palavras como laudo [láuɔ] 'relatório' vs lado [láu] "lado" e pai [paj] ou pau [páu] contra 'pá' ['pa]. Além disso, como pares pais ("progenitores") e país "país" não são contra-exemplos, porque o contraste está realmente dependente do acento da palavra (vogal alta não pode tornar-se glide quando está acentuada).

Finalmente, é importante notar o seguinte: glides e vogais evidenciam um comportamento significativamente diferente com relação à sílaba e o acento: ao contrário de vogais, semivogais não pode ser o único elemento de núcleos de sílabas, e não podem suportar o acento.

⁴ Tables 2.3 and 2.4 include the phonetic vowels and glides previously presented. Specification above the vocalic node has been left out, as all vowels and glides are [-consonantal, +sonorant]; moreover, they are all [+continuant] and [+voice]. V-place nodes—dorsal and labial—are monovalent, so that their specification is restricted to the sound classes they define positively. Due to their binary nature, illic terminal features [round], [back], [high] and [low] are specified as [+ or -]. Redundant values are not included.

Alguns autores tomaram a opção de diferenciar glides de vogais com base na constituição da sílaba, e propuseram o traço binário [\pm silábico] para representar a distinção: glides são [-silábico] e vogais são [+silábico]. Consideramos que a inclusão de [silábico] no inventário universal de traços é desnecessária, visto que este traço apenas tem a função de distinguir vogais de glides. Além disso, como no nível fonético o glide resulta de uma regra delta (ver Capítulo 5), ea diferença entre vogais e semivogais consiste em não ser a cabeça de um núcleo silábico, o traço [silábico] é, em nossa opinião, inútil

Pelo contrário, se o foco é centrado no acento, temos que marcar as vogais que se tornam glides como 'inacentuáveis', nas representações lexicais. Esta é também a maneira como se marca quando a vogal acentuada é a antepenúltima, como Dúvida [dúvid] 'dúvida' ou Estômago [ftómgu] 'estômago'. Quando uma vogal 'inacentuável' é alta e precedida por outra vogal, torna-se um glide no nível fonético pela aplicação de uma regra de "glidização".

Podemos acrescentar, como conclusão, que nos dialetos do Norte de Portugal ainda se conserva a realização ['Riu], ['tiu] (*rio* 'corrente de água', *tio*) diferente de ['Riw], ['viw] (pretéritos de *rir* e *ver*), mas o dialeto de Lisboa apresenta a realização ['Riw], ['tiw], ['Riw], ['viw] em todos os casos, o que vem a confirmar a existência da regra fonológica que converte em [w] o [u] não acentuado que está em contacto com outra vogal.

6. Inventário de fonemas vocálicos (fonologia estrutural)

O inventário de fonemas vocálicos em sílaba tónica é o seguinte: /i e ε a ɐ ɔ o u/, oito, portanto, no total.

A existência de um fonema com a condição de tal, sem que possa ser interpretado como alofone de outro, depende, essencialmente de pares mínimos que confirmem a existência de oposições com carácter distintivo.

Fonema /i/: vejam-se as oposições com os mais próximos:

opõe-se a /e/, vir-ver, vi-vê, piso-peso, fiz-fez.

opõe-se a /u/ ti-tu, tia-tua, tímido-túmido.

Apresenta uma realização "pura" em sílaba aberta ou travada por consoante diferente de -l; em sílaba travada por -l tem uma realização velarizada; certos autores assinalaram uma variedade menos fechada de [i] diante de -r ou -l implosivas, mas resulta difícil de ser detetada para um ouvido normal. A oposição de /i/ e /e/ não se verifica ante /j/, mas é pela razão de que não existem ditongos com a sequência [ej] nem [ij], do mesmo modo que as vogais da série posterior não podem preceder /w/.

Fonema /e/: vejam-se as oposições com os mais próximos:

opõe-se a /ε/, pé-pê, sede-sede, colher-colher, pudemos-podemos.

opõe-se a /o/ vê-vou, pês-pôs, sê-sou.

Aparece raramente em sílaba travada por -l. A oposição entre /e/ e /ε/ tem um enorme rendimento em certos pares de nome verbo da mesma família lexical: pena/pena, erro/erro, rego/reggo, peso/peso, começo/comêço.

Fonema /ε/: vejam-se as oposições com os mais próximos:

opõe-se a /a/, pé-pá, água-água, velha-valha, der-dar.

opõe-se a /ɔ/ pé-pó, pélo-pólo, pede-pode, peço-posso.

Não há oposição de /e/-/ε/ ante consoante palatal. Palavras como venho, velho, realizam-se quer vɛjɲu, vɛiʎu, quer como veiɲu, veiʎu, sendo o i um som de transição entre o

arquifonema /E/ e a consoante palatal, e carecendo do valor fonemático de /j/ em pais-pás, mais-más, pois-pôs, feixe-feche(?).

Fonema /a/: vejam-se as oposições com os mais próximos:

opõe-se a /ɐ/, segundo se há de ver.

opõe-se a /ɔ/ pá-pó, passo-posso, bala-bola, más-mós, sal-sol.

Fonema /ɐ/: vejam-se as oposições com os mais próximos:

opõe-se a /a/: amamos-amámos, sei-sai, meio-Maio, ceia-saia, seis-sais.

opõe-se a /o/: dano-dono, cama-coma.

opõe-se a /e/: amamos-amemos, comamos-comemos.

A questão da oposição entre /a/ e /ɐ/ é um problema importante. /ɐ/ aparece na posição tónica diante de consoante nasal, como primeiro elemento do ditongo grafado "ei" e quando surge "e" tónico diante de consoante palatal. O [ɐ] de *lei* é igual que o [ɐ] de *cama*? A maior parte dos autores coincidem em que não, em que o do ditongo é menos central do que o segundo.

É claro que há determinadas posições em que a oposição entre /a/ e /ɐ/ aparece neutralizada:

daria lugar a um arquifonema /A/, nestes casos:

*ante nasal heterossilábica diferente de m (em que pode aparecer aberta ou fechada): neste caso o arquifonema teria a realização [ɐ] .

*Perante w e -l homossilábicas: altura, causa, ao, mau, pausado. Neste caso o arquifonema tem a realização [a] .

Morais Barbosa (1965-1983) tinha examinado a possibilidade de que [ɐ] do ditongo "ei" pudesse considerar-se alofone ou variante de um arquifonema /E/, à vista dos seguintes argumentos:

*aparecem como variantes geográficas as pronúncias [ej] e [ɐj].

*na língua padrão não se opõem [ɐj] e [ej] nem [ɐj] e [ei].

*poderia apoiar-se esta hipótese em argumentos morfofonológicos como a conjugação de dar: [dɛj][dɛste][dew].

Considera que não é uma solução adequada porque: argumentos morfofonológicos como a conjugação de amar [a'mɛj][a'maste][a'mo] obrigariam a considerar [ɐ] como realização de /a/.

Por outra parte, se bem que em certos casos exista ainda uma associação morfológica ente [ɐj] e /E/ (peixe-pesca) em muitos outros não é possível já encontrá-la: lei, eira, seis, etc. Conclui, portanto, que nos ditongos [aj]- [ɐj] existe oposição entre dois fonemas /a/ e /ɐ/.

Morais Barbosa (1994) assinala que [ɐ] se opõe a [a] ante consoante /m/ heterossilábica e ante [j] (andei/andai, sei/sai, peixão/paixão, queixa/caixa). Pergunta-se se não haverá neutralização, além de ante /w/, onde só aparece [a], ante qualquer consoante, exceto /m/ heterossilábico. Cita o caso de verbo "ganhar", onde, nas formas rizotónicas, existe ainda a pronúncia tradicional com [a] ao lado de outra com [ɐ]; mas salienta o facto de que para o falante não há nenhuma dificuldade para pronunciar [a] ante qualquer consoante nasal como não há para pronunciar [ɐ] ante qualquer consoante não nasal, como acontece quando se enfatiza uma palavra átona, convertendo-a em tónica: para ([pɛrɐ]), oposto a pára, cada, etc. Conclui, portanto que só há neutralização de [a] e [ɐ] ante /w/ e ante /l/.

Ante -r homossilábico: em 1965-83 não considera que haja neutralização, mas retifica em 1994, indicando que há porque nessa posição só se encontra a realização [a].

O som [i] é um “alofone” de /e/, mas não se diz nada da possibilidade do apagamento.

7. Os segmentos vocálicos (fonologia generativa)

Quanto às vogais, para identificar os segmentos subjacentes temos de constatar que todas as vogais ocorrem na posição tónica, com a exceção de [i]; para formular uma hipótese sobre os segmentos existentes no nível subjacente, i. e., o nível fonológico, podemos admitir que as vogais nesse nível fonológico são identificadas pelos mesmos traços que as vogais acentuadas, visto que, com exceção de [i], todas ocorrem nessa posição sem dependerem do contexto fonético. Assim, nas derivações das palavras em português, as vogais, se forem acentuadas, manterão os mesmos traços das vogais subjacentes, se não forem sofrerão uma modificação que se pode predizer através de uma regra do vocalismo átono. A vogal [i], que só ocorre em posição átona, será sempre resultado da aplicação de uma regra, é o resultado de uma derivação: não é, portanto, um segmento fonológico do português. Outro problema é posto pelo [ɐ]; quanto a este, segundo Mira Mateus, na posição átona surge como aplicação de uma regra de derivação de [a]; na posição tónica surge como resultado de três regras de derivação:

/a/->[ɐ] seguida de consoante nasal.

/e/->[ɐ] seguida de consoante palatal.

/e/->[ɐ] seguida de semivogal [-rec] (também na posição átona).

Deduz, portanto, que [ɐ] não é um segmento fonológico do português.

Que [ɐ] seguido de consoante [+alt] [-rec] (palatal) é a representação de superfície de um /e/ da estrutura profunda constata-se facilmente: as palavras em que aparece [ɐ] seguido de consoante [+alt] [-rec] mas que não apresentam o resultado [ɐ] quando a vogal perde o acento, pois neste caso apresentam [i], mostram claramente que na subjacência há /e/ e não /a/:

fecho, fechas [ɐ]	fechadura [i]
cereja [ɐ]	cerejeira [i]
lenha [ɐ]	lenhador [i]
telha [ɐ]	telhado [i]
passeio [ɐj]	passar [i]

A oposição **andámos / andemos** do dialeto de Lisboa, que na perspectiva estrutural justifica a existência de dois fonemas diferentes, na fonologia generativa considera-se que se trata simplesmente de uma característica idiosincrática de uma certa área geográfica que não justifica a consideração de que possam existir unidades diferentes no nível subjacente.

A fonologia estrutural não dá nenhuma resposta ao problema do apagamento das vogais [ɨ] e [u] no português europeu. Na fonologia generativa a resposta adequada surgirá na teoria da sílaba (núcleos vazios).

Num estudo realizado em 1982 no registo acústico das vogais das palavras de um *corpus* as autoras⁵ verificaram que 11% do total de vogais presentes não foram realizadas (num exercício de leitura de palavras), e que eram vogais [v] e [u] a maioria das vogais suprimidas.

A supressão dessas vogais foi estudada do ponto de vista perceptivo, com pares de palavras do tipo rape#rapo, tome#tomo, espelhe#espelho, e também do tipo decente#docente, requestar#recostar, apertar#aportar, anelado#anulado< incluí-se também um grupo do tipo querer#crer, perece#prece, tabelado#tablado, puxe#puxo#pus.

Em rape#rape houve 1 caso de erro de percepção de estímulo [u]-resposta [ɨ], e 12 casos de estímulo [ɨ] –resposta [u], de um total de 24 . Veja-se o quadro dos resultados:

CONSOANTE ANTERIOR À VOGAL FINAL	ESTÍMULOS PARES DE PALAVRAS	Estímulo/Resposta E→R [u]→[ɨ]	E→R [ɨ]→[u]	TOTAL
	rape/rape	1	12	13
	lambo/lambe	19	1	20
	parto/parte	2	1	3
	prendo/prende	4	1	5
	estico/estique	0	0	0
	pego/pegue	0	1	1
	abafo/abafe	6	13	19
	escovo/escove	10	0	10
	avanço/avance	9	1	10
	caso/case	0	3	3
	puxo/puxe	16	2	18
	beijo/beije	3	0	3
	tomo/tome	7	0	7
	ensino/ensine	2	10	12
	desenho/desenhe	1	24	25
	quero/quer	8	1	9
	amarro/amarre	0	2	2
	calo/cale	2	4	6
	espelho/espelhe	0	22	22
TOTAL	38	90	98	188

Para um total de 912 estímulos (38 x 24 sujeitos) obtiveram-se 188 substituições (20%). Foram 90 substituições da vogal [ɨ] por [u], e 98 substituições da vogal [u] por [v].

No caso das substituições de estímulo [u]-resposta [ɨ], o número mais significativo ocorre depois das consoantes [b] (19 casos), [p] (16 casos), [v] (10 casos) e [s] (9 casos).

⁵ Mateus, Maria Helena Mira e Maria Raquel Delgado Martins, “Contribuição para o estudo das vogais átonas [ɨ] e [u] no Português europeu”. In: *Biblos* LVIII, (1982), pp. 111-128.

No caso das substituições de estímulo [ʃ]-resposta [u], o número mais significativo ocorre depois das consoantes [...] (24 casos), [] (22 casos) [f] (13 casos) e [p] (12 casos).

As palavras “blesa” e “beleza” foram na sua totalidade ouvidas como “beleza”. A palavra “crer” é ouvida 22 vezes como “querer”, enquanto “querer” é sempre ouvida como tal. “trás” é sempre ouvido como tal, enquanto “terás” é reconhecido em 50% das ocasiões como “terás” e em 50% das ocorrências como “trás”. Lembremos o que dizia Gonçalves Viana: “Nenhum português confundirá estas palavras: *trás* e *terás*”.

8. Inventário de fonemas consonânticos (fonologia estrutural)

Morais Barbosa estabelece o inventário nos seguintes termos:

Assim, para o sistema onde *muro* e *murro* se distinguem por a primeira forma comportar uma “vibrante apical” onde a segunda comporta uma “vibrante uvular”, teremos o seguinte quadro:

	“Bilabiais”	“Labio-dentais”	“Apicais”	“Sibilantes”	“Chiantes”	“Palatais”	“Dorso-velares”	“Velar labializado”	“Uvular”
“Surdos”	p	f	t	s	ʃ		k		
“Sonoros”	b	v	d	z	ʒ		g		
“Nasais”	m		n			ɲ			
“Laterais”			l			ɭ			
“Vibrantes”			r						ʀ
“Espirantes”						j		w	

Do sistema onde *muro* e *murro* se distinguem por a segunda forma comportar uma vibrante apical múltipla onde a primeira comporta uma vibrante apical simples desaparece a coluna “uvular” do quadro anterior. Nesse sistema não terá lugar a vibrante apical múltipla, já que optámos por a interpretar como uma sucessão /rr/: /'muru/ *muro*, /'murru/ *murro*.

O sistema que, no lugar da “uvular” representada no quadro anterior, apresenta uma constrictiva velar, e só esta, que notamos /x/, figurar-se-á num quadro identico àquele, com a diferença de não comportar /ʁ/ e incluir /x/ na série “espirante”, coluna “uvular”. Caracterizamos aqui como “espirante uvular” o fonema correspondente à articulação constrictiva velar de que oportunamente se falou³. Não há, no entanto, contradição. De facto, a úvula é parte do véu e a vibrante uvu-

lar caracteriza-se por vibrações daquela, mas também deste; e a constrição ao nível do véu faz-se também ao nível da úvula. Por outro lado, uma espirante é um tipo de constrictiva.

Note-se que a inclusão nos nossos quadros de /j w/ contraria a prática habitual em fonologia de não associar os fonemas desse tipo, ainda que consonânticos, às consoantes, mas sim às vogais. Essa prática pressupõe que se considerem tais fonemas como vogais em função consonântica, o que, apesar de corresponder à opinião de autores tão eminentes como André Martinet, dificilmente poderíamos aceitar.

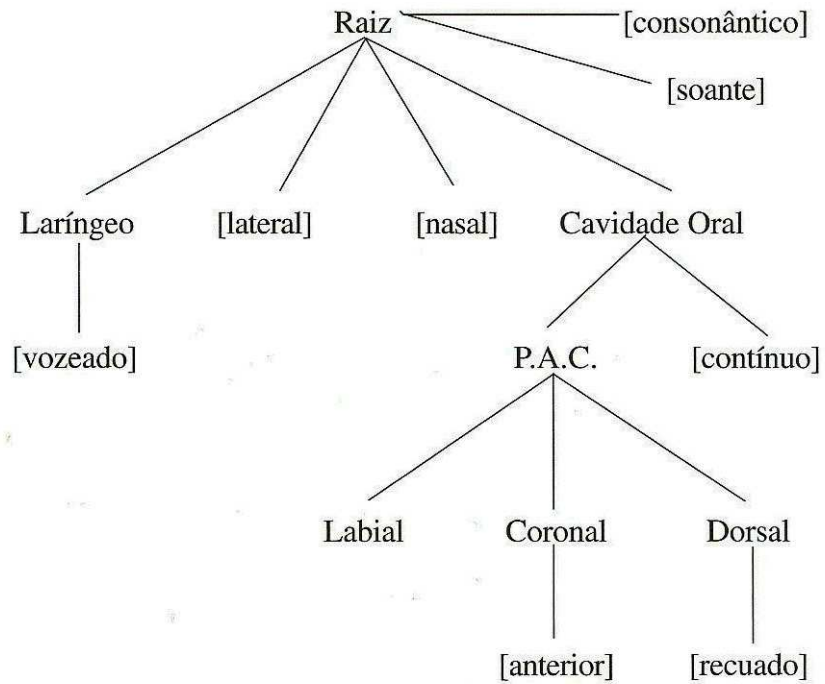
Esse novo quadro mostrará que, ao contrário de /r/ e /ʁ/ do anterior, /r/ e /x/ não têm qualquer relação especial um com o outro; deixa pois de existir a série “vibrante”, já que, manifestando uma relação, uma série pressupõe a existência de, pelo menos, dois fonemas. Por idêntico motivo, não existem ordens “velar labializada” nem “uvular”.

Anexo II

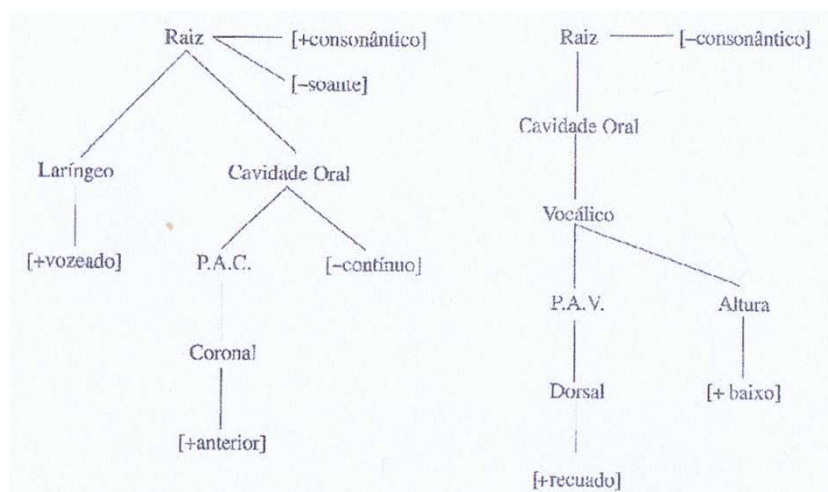
EXERCÍCIOS PRÁTICOS CORRESPONDENTES AOS TEMAS I A VI (FONOLOGIA)

TEMA I.

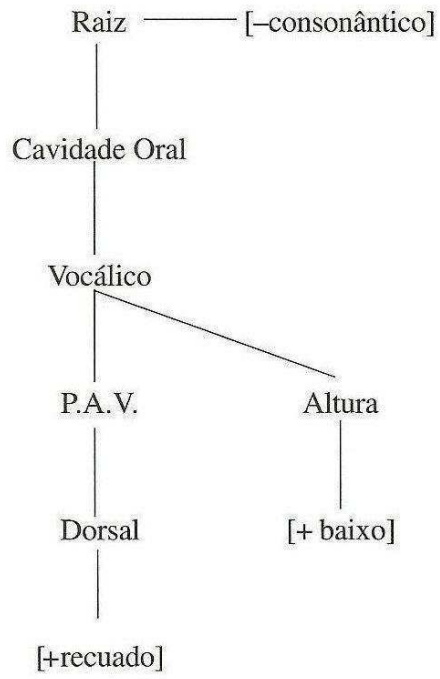
1. Explique a localização e funcionalidade de cada um dos traços distintivos na figura a seguir:



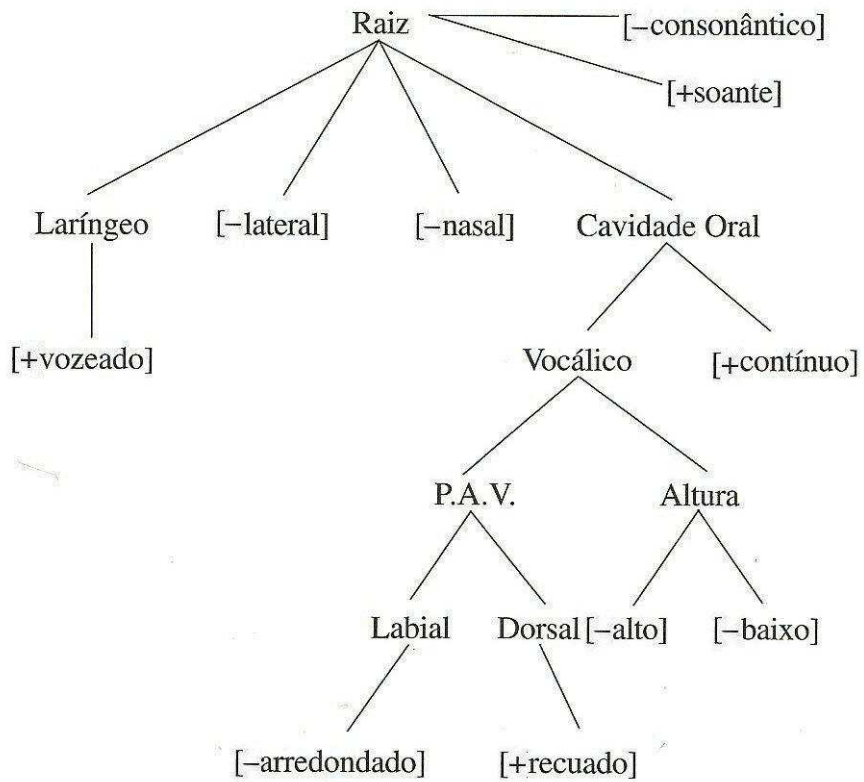
2. Identifique os segmentos das árvores seguintes:



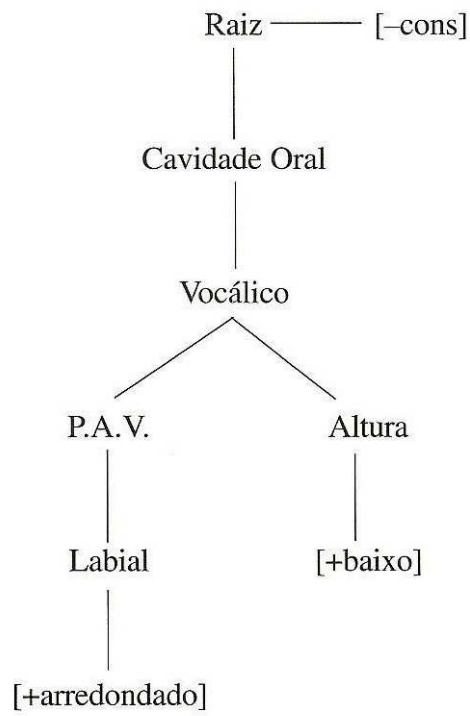
3. Explique a que segmento corresponde cada uma das árvores de traços a seguir e justifique:
(A)



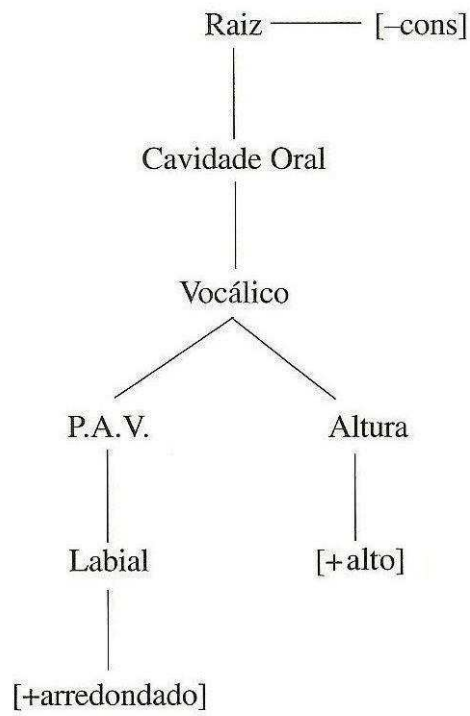
(B)



(C)



(D)



11 Explique a definição dos segmentos da matriz seguinte e complete-a acrescentando os traços das classes principais:

CLASSES	SEG.	Traços de cavidade, de modo de articulação e de fonte														
		ant	cor	alt	bx	rec	arr	distr	nas	lat	cont	dist ret	tens	APS	voz	estr
oclusivas	p	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
	b	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
	t	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
	d	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
	k	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
fricativas	g	-	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
	f	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+ 8
	v	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+
	s	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+
	z	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+
nasais	ʃ	-	+	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+
	ʒ	-	+	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+
	m	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-
vibrantes	n	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-
	ɲ	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-
	r	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
laterais	ʀ	+	+	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	+
	ʁ	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	+	+	-
	l	+	+	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	-
aproximantes (semivogais)	ɫ	+	+	+	-	+	-	+	-	+	+	-	-	-	+	-
	ʎ	-	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	-
vogais orais	j	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	w	-	-	+	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	i	-	-	+	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	e	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	ɛ	-	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	i	-	-	+	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	ɨ	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	a	-	-	-	+	+	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	u	-	-	+	-	+	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	o	-	-	-	-	+	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-
vogais nasais	ɔ	-	-	-	+	+	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-
	ĩ	-	-	+	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-
	ẽ	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-
	ɞ	-	-	-	-	+	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-
	ã	-	-	-	+	+	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-
	ũ	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	-
õ	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	-	

TEMA II

(1) Escreva e explique a regra fonológica (linear) que dá lugar ao fenómeno das alternâncias na vogal do radical na conjugação de muitos verbos do português, como as seguintes:

$d\text{orm}+i+u \rightarrow \text{dur}m+\emptyset+u$

$s\text{erv}+i+u \rightarrow \text{sir}v+\emptyset+u$

$d\text{ev}+e+u \rightarrow \text{dev}+\emptyset+u$

$k\text{om}+e+u \rightarrow \text{kom}+\emptyset+u$

$p\text{ez}+a+u \rightarrow p\text{ɛ}z+\emptyset+u$

$g\text{oz}+a+u \rightarrow g\text{ɔ}z+\emptyset+u$

(2) Formule e explique a regra que dá conta do mesmo processo no quadro teórico da fonologia autosegmental-geometria de traços.

(3) Escreva e explique a regra fonológica (linear) que dá lugar ao fenómeno das alternâncias na vogal do radical na flexão de muitos substantivos e adjectivos do português

[ɔ]lho → [o]lho

c[ɔ]rpo → c[o]rpo

p[ɔ]vo → p[o]vo

esf[ɔ]rço → esf[o]rço

(4) Formule e explique a regra que dá conta do mesmo processo no quadro teórico da fonologia autosegmental-geometria de traços.

(5) Escreva e explique as regras fonológicas (lineares) que dão lugar aos fenómenos de mudança fonética nos dialectos do Centro-Norte e de Lisboa, segundo os exemplos seguintes:

	I (Norte)	II (Centro-Norte)	III (Lisboa).
1. abelha	[ə'beʎə]	[ə'beʎə]	[ə'beʎə]
2. telha	[teʎə]	[teʎə]	[təʎə]
3. espelho	[ʃpeʎu]	[ʃpeʎu]	[ʃpəʎu]
4. senha	[sɛɲ ə]	[sɛɲ ə]	[sɛɲ ə]
5. tenho	[teɲu]	[teɲu]	[teɲu]
6. lenha	[leɲ ə]	[leɲ ə]	[leɲ ə]
7. texto	[teʃtu]	[teʃtu]	[teʃtu]
8. sexto	[sɛʃ tu]	[sɛʃ tu]	[sɛʃtu]
9. pretexto	[prɨ'tɛʃtu]	[prɨ'tɛʃtu]	[prɨ'tɛʃ tu]
10. incesto	[i'sɛʃtu]	[i'sɛʃtu]	[i'sɛʃtu]
11. vespa	[vɛʃpə]	[vɛʃpə]	[vɛʃpə]
12. testo	[teʃtu]	[teʃtu]	[teʃtu]
13. vejo	[vɛʒu]	[vɛʒu]	[vɛʒu]
14. cerveja	[sɨr'veʒə]	[sɨr'veʒə]	[s r'veʒə]
15. vareja	[və'reʒ ə]	[və'reʒə]	[və'reʒə]
16. leite	[lejt]	[lejt]	[lejt]
17. feito	[fejt]	[fejt]	[fejt]
18. direito	[di'rejt]	[di'rejt]	[di'rejt]

(6) Formule e explique a regra que dá conta do mesmo processo no quadro teórico da fonologia autosegmental-geometria de traços.

(7) Escreva e explique a regra fonológica (linear) que define o comportamento das vogais átonas (“redução”) no português europeu.

(8) Formule e explique a regra que dá conta do mesmo processo no quadro teórico da fonologia autosegmental-geometria de traços.

(9) No quadro abaixo, indique quais são os valores que podem ser eliminados por serem redundantes. Explique como procedeu.

traços / segmentos	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	ɐ	ɨ
consonântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-
soante	+	+	+	+	+	+	+	+	+
alto	+	-	-	-	-	-	+	-	+
baixo	-	-	+	+	+	-	-	-	-
recuado	-	-	-	+	+	+	+	+	+
arredondado	-	-	-	-	+	+	+	-	-
nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-

(10) Os segmentos de cada coluna diferem apenas no valor de um traço. Indique de que traço se trata e qual é o valor para cada segmento

A

/b/

/t/

/i/

/ɔ/

/f/

B

/m/

/d/

/u/

/a/

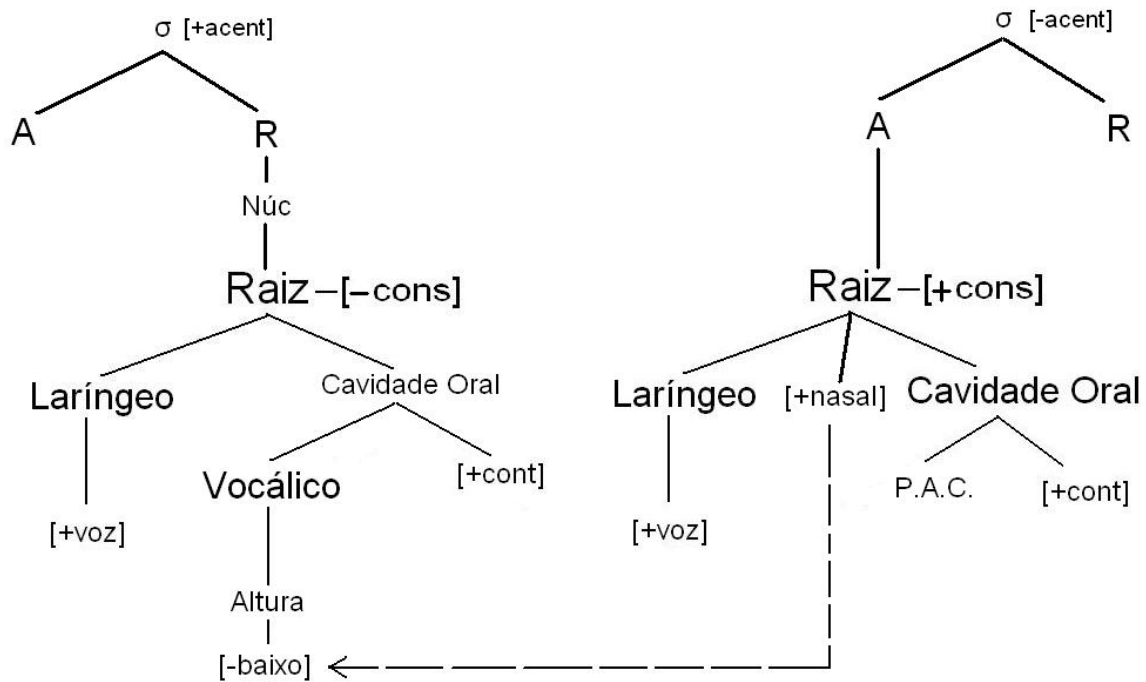
/s/

11. Escreva as regras fonológicas envolvidas no processo seguinte (em fonologia linear e em geometria de traços):

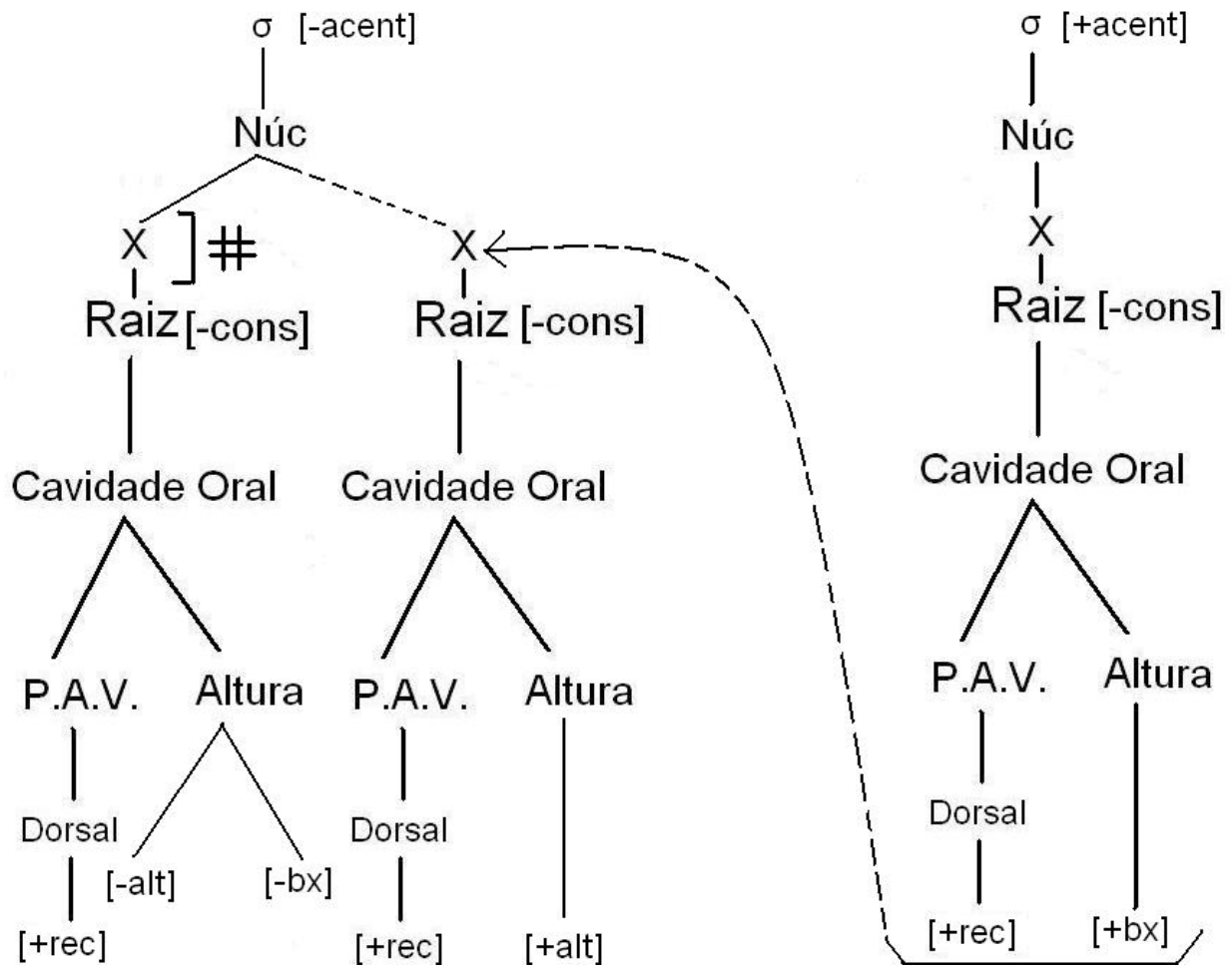
V—V	aba [áβσ]	fada [fáδσ]	pago [páγu]
V—l	ablativo [σβlσtívu]	adligar [σðliγár]	aglomerar [σγlum(ə)rár]
l—V	alba [álβσ]	caldo [káldu]	algo [álγu]
V—r	abrir [σβrír]	adro [áδru]	agro [áγru]
r—V	árbitro [árβitru]	arder [σrðér]	argumento [σrγum'ētu]
V—j	abiótico [σβj'otíku]	adiar [σðjar]	água [ájγσ]
j—V	caibo [kájβu]	aido [ájðu]	leigo [léjγu]
V—w	tábua [táβwσ]	espádua [(ə)fpádwσ]	água [ájγwσ]
w—V	eubóico [ewβ'ojku]	cauda [káwδσ]	augusto [áwγuftu]
$\left[\begin{array}{c} C \\ + \text{voix} \end{array} \right] -$		abdómen [σβð'men]	subglotal [suβγlutál]
$- \left[\begin{array}{c} C \\ + \text{nasal} \end{array} \right]$	submarino [suβmσrínu]	admirar [σðmirár]	agnóstico [σγn'otíku]

TEMA III

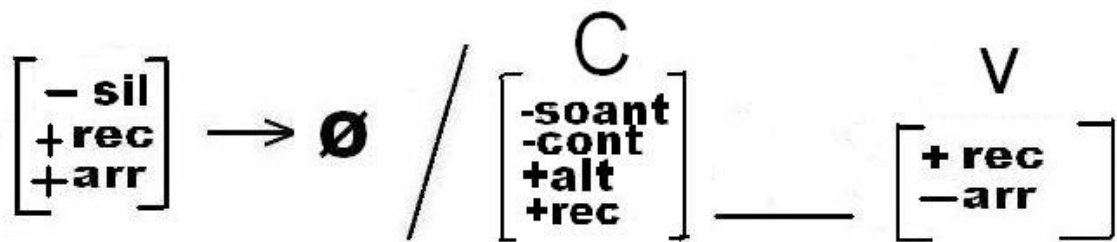
1. Explique a regra seguinte e formule-a em fonologia linear:



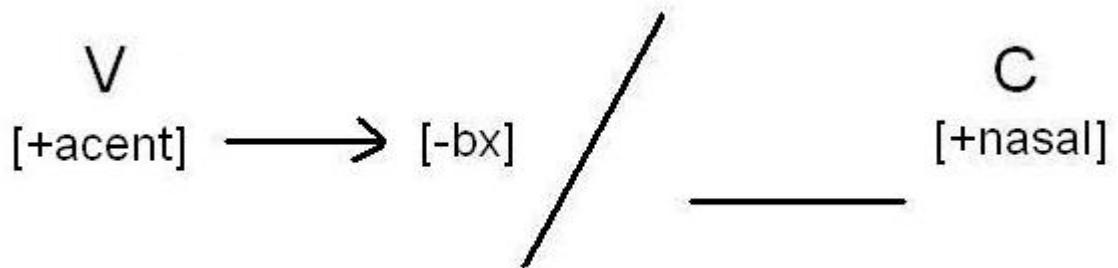
2. Explique a regra seguinte e formule-a em fonologia lienar:



3. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:

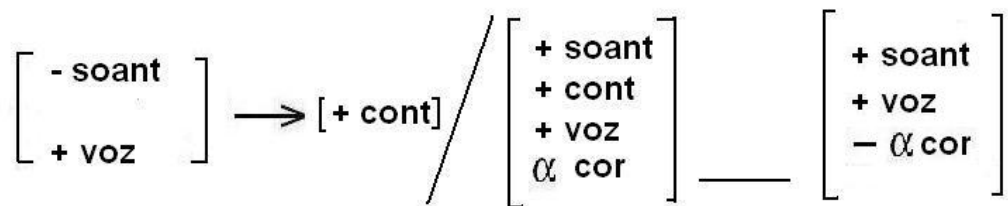


4. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:

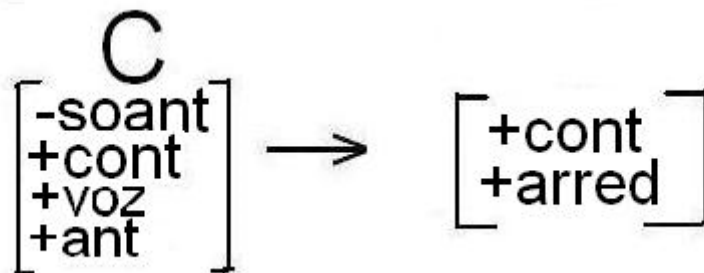


4.

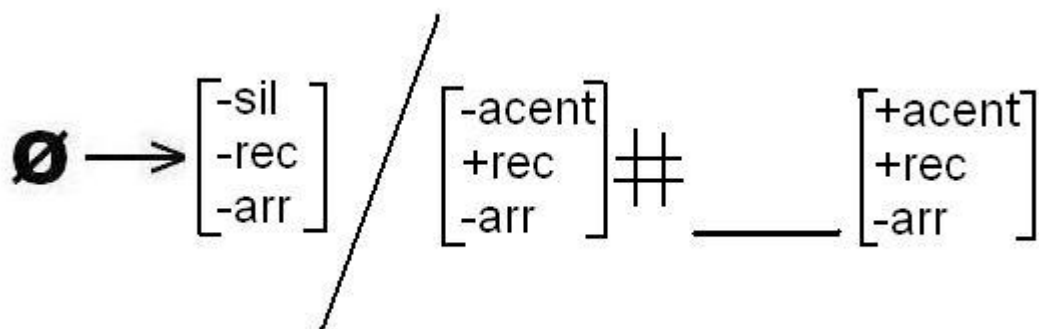
5. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:



6. . Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:



7. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:



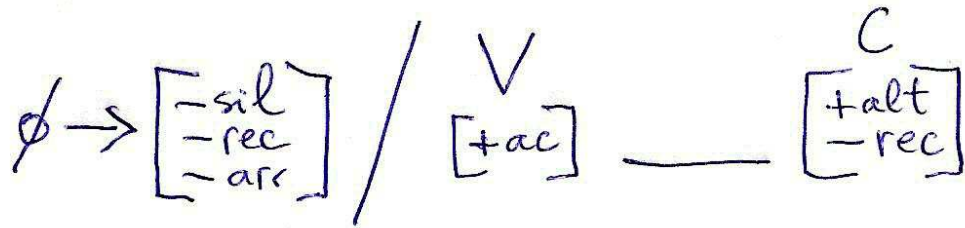
8. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:

calma > ca[w]ma, palma > pa[w]ma, sol > só[w], mel > mé[w], mal > ma[w]

9. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:

A[z] amigas a[] gatas a [] portas

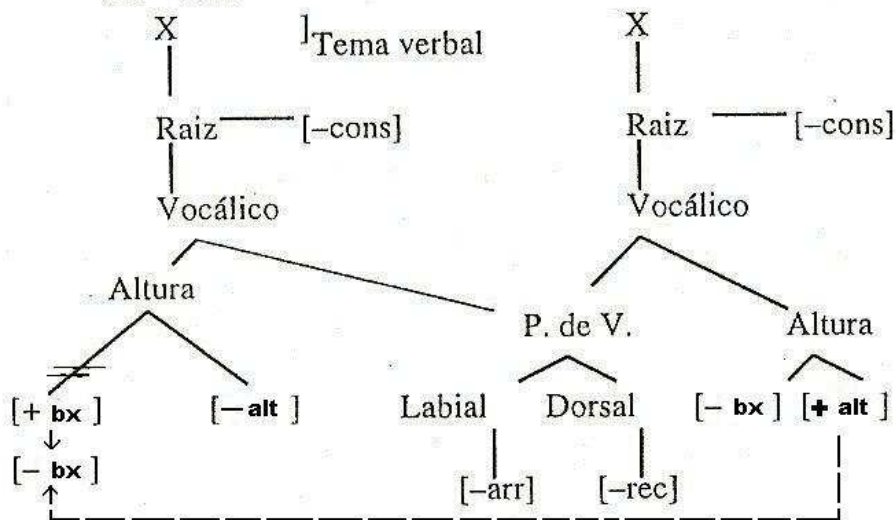
10. Explique a regra seguinte e formule-a em geometria de traços:



TEMA IV

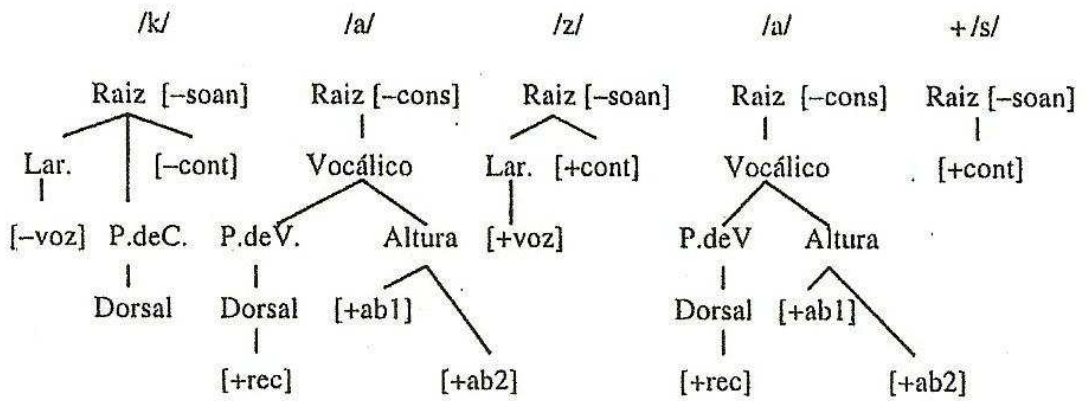
1.

Espraiamento dos traços do /i/ sobre a VT acentuada
 /ái/ → /éi/



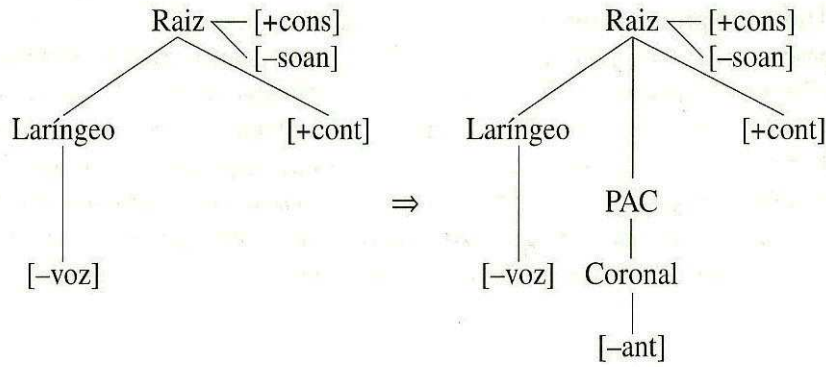
2.

Representação lexical dos segmentos de *casas* - subespecificados

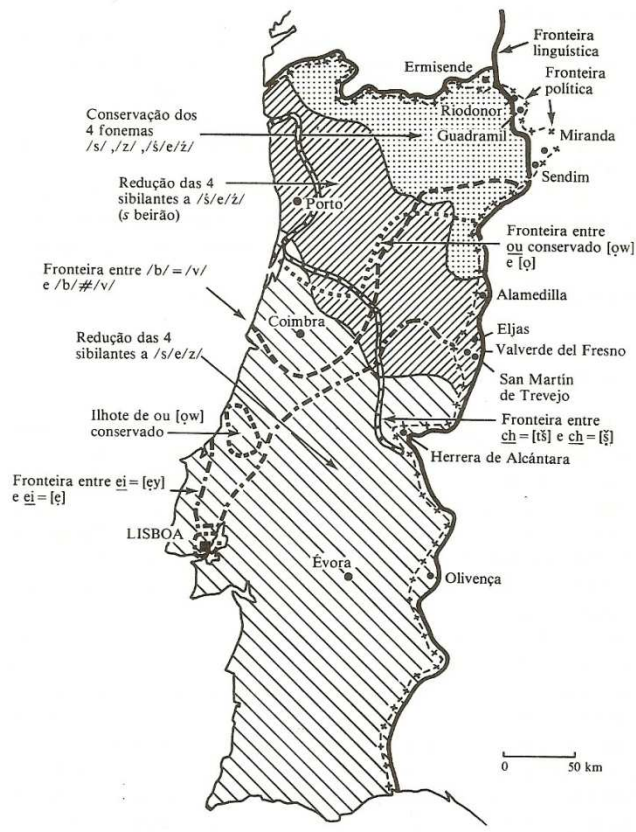


3.

(10) Realização de /s/ como [ʃ]



4. Formule todas as regras fonológicas que se encontram envolvidas nos fenómenos seguintes:



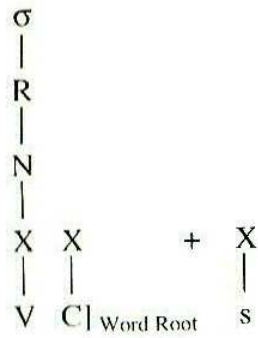
Mapa 3

5. Formule todas as regras fonológicas que dão lugar à produção de frases como as seguintes:

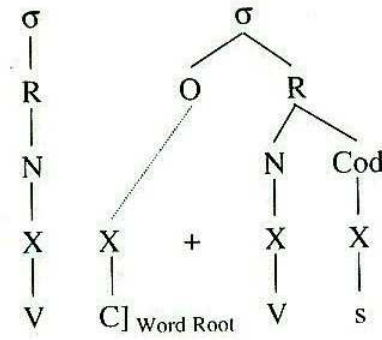
[fe'ziẽ umẽ mẽⁿteγe 'mũⁿtu 'βowẽ 'mũⁿtu sɛbu'roze / ku'miɣe-si 'βẽĩ
 kũ^m buke'diɣu di 'pẽw̃ di 'miɣu 'frɛʃku nu 'tɔ^mpu / 'sĩ si'ɣor i e'kiɣu
 fe'zi-si fe'ziẽw̃ umẽ 'βole kũ e'kiɣu 'ære / kō e mẽⁿteγe 'sĩ si'ɣore
 e'kiɣu fi'kove 'ðɔⁿtru ðyme ti'zæle kō 'ɔγwe e'kæle 'βule fi'kove
 'sẽ^mpri e'li kō 'ɔɣwa / 'mœzmu e 'zœⁿti 'ie-u γeʃ'tẽⁿdu i e'kiɣu 'tiɣe
 'sẽ^mpri 'ɔγwe e'li 'frɛʃke / de'tovẽw̃ ti'rovẽw̃ umẽ de'tovẽw̃ 'Øtre
 'kwẽⁿdu e'kæle 'nẽw̃ iʃ'tove 'βowẽ de'tovẽw̃ 'Øtre e'tæ γeʃ'tor e
 mẽⁿteγe 'nẽw̃ 'ɛ]

TEMA V

(6) a.

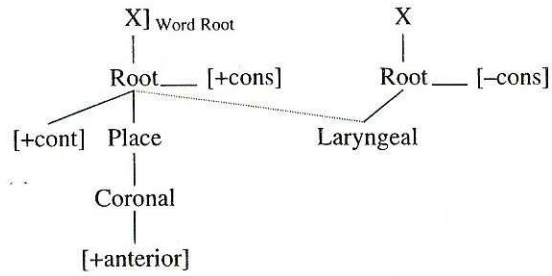


b.



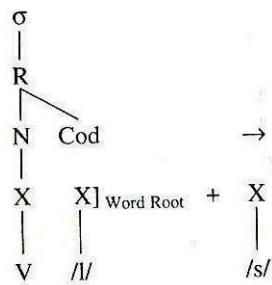
(2)

/s/ → [z]

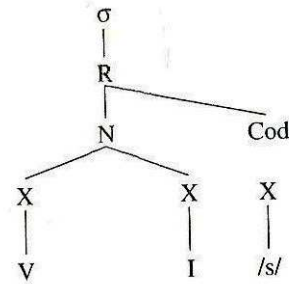


(3)

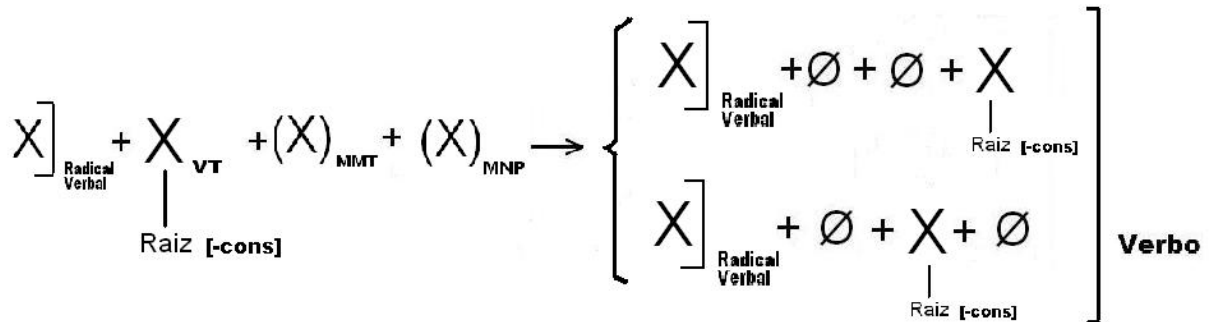
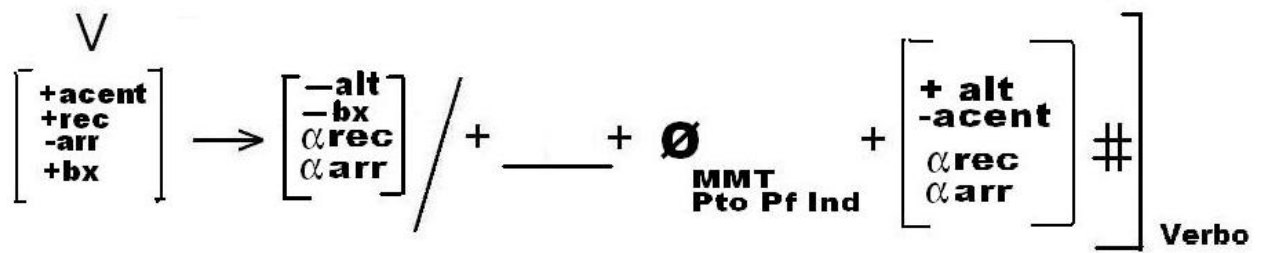
(9) a.



b.



(4)



TEMA VI

1. Explique as regras acentuais que se aplicam na realização oral das frases seguintes:

[e'tɛ mi 'lẽmbrɛ umɐ 'vɛʃ / ki v 'zẽnti 'tiʝɐ umɐ fɛ'zẽndɐ 'la ẽj 'simɐ / 'lá 'lõzi... i u mi 'pɔj 'mẽndo v 'zẽnti / 'ew i v miʝɐ ir'mjẽ / umɐ ir'mẽ majz 'mosɐ du ki 'e mɛz 'e ɛrɐ pi'kenɐ / i 'fomu 'la trɛ'tar ɛz 'vakɛʃ / dɛz βizi'rɛjɲɛʃ / fi'kavɐ ɛz 'vakɛʃ ɛ'ki ẽj'm'basu i 'ʎa v duɛz βi'zerɛʃ ki v 'zẽnti li'vavɐ prɛ 'la / ʃi'ɣɛmuz ɛ'ki ɛ'basu i 'e 'ðis ɛ'sĩ ɔ 'pɔj / s u 'pɔj 'visi 'uzi ɛpɛ'ʝɛmuʃ ku'mɛjðɐ 'tẽw 'βowɐ / i 'fiko / 'foj ũ iʃ'tẽnti / i u 'pɔj 'ðisi 'kɛ ku'mɛjðɐ 'foj / 'foj 'ʎa ẽj 'simɐ / ɛrɐ 'rɛmɐ de fu'ʎɔdu / v 'zẽnti 'nẽw sɛ'βiɛ u k ɛrɐ 'rɛmɐ de fu'ʎɔdu / 'ɛrɐ prɛ 'ir 'la ɛ'simɐ aw /

2. Explique as regras acentuais que se aplicam na realização oral das frases seguintes:

'nẽw̃ 'se õ'di 'εrε ki 'eliz 'iẽw̃ / i ẽ"tẽw̃ li δεj'tjεmuz 'εsε ku'mwiðε / i
u 'pɔj 'tivi k ir imi'djate'mẽ"ti prε 'la / s εlaf ku'mesi fi'kavẽw̃
kẽ"baðεf / 'εrε vi'natiku / umε 'kojze 'afu k 'εrε vi'natiku / i 'ka 'foj
me 'pɔj ε'traf ti'rar 'εsε ku'mwiðε i εpε'nar ku'mwiðε az βi'zerεf k ε
'zẽ"ti 'nẽw̃ sε'βiε u k 'εrε fu'λɔðu / i δε'tεmuz ε'kilu / mεz 'nẽj 'fεz
'mal purk 'εlεz'nẽj ku'mεrẽw̃ purki fi'ko 'lɔγu prε ðiβɔfu]

3. Idem

[fε'ziẽ umε mẽ"teγε 'mũj"tu 'βowε 'mũj"tu sεbu'roze / ku'miε-si 'βẽj
kũ" buke'dijru ði 'pẽw̃ ði 'miλu 'fræfku nu 'tœ"pu / 'sĩ si'ɲor i ε'kɪlu
fε'zi-si fε'ziẽw̃ umε 'βole kũ ε'kɪlu 'ærε / kō ε mẽ"teγε 'sĩ si'ɲore
ε'kɪlu fi'kɔvε 'ðœ"tru ðymε ti'zæle kō 'ɔγwε ε'kæle 'βule fi'kɔvε
'sẽj"pri ε'lɪ kō 'ɔγwa / 'mœzmu ε 'zœ"ti 'iε-u γεf'tẽ"du i ε'kɪlu 'tiɲε
'sẽj"pri 'ɔγwε ε'lɪ 'fræfke / δε'tɔvẽw̃ ti'ɔvẽw̃ umε δε'tɔvẽw̃ 'Øtre
'kwẽ"du ε'kæle 'nẽw̃ i'f'ɔvε 'βowε δε'tɔvẽw̃ 'Øtre ε'tæ γεf'tɔr ε
mẽ"teγε 'nẽw̃ 'ε]